

## O meio ambiente e setor elétrico

ANTÔNIO CARLOS  
TATIT HOLTZ

Durante a elaboração do Plano 2010 e dos seus documentos básicos na área ambiental, procurou a Eletrobrás — através de reuniões específicas, de palestras em diversos fóruns de debates, de artigos publicados em jornais e revistas — levantar os principais aspectos que deveriam ser objeto de análise pela sociedade brasileira, de maneira a que as estratégias do setor viessem ao encontro dos anseios dessa mesma sociedade.

Como exemplo, posso citar que, em artigo por mim assinado, publicado em 02/11/86 no jornal O Estado de S. Paulo, chamei a atenção para o fato de que, se o Brasil não quisesse fazer uma expansão fortemente termelétrica, possivelmente haveria necessidade de importar energia elétrica da Amazônia para o Nordeste e o Sudeste, por volta do ano 2000, começando, provavelmente, por aproveitamentos no rio Xingu.

O meu objetivo, naquela ocasião, foi o de levantar a discussão em torno dessa estratégia desde aquele momento, para haver tempo de tomar as decisões mais corretas sobre o assunto.

Dois anos depois, estamos em meio a essa discussão, afortunadamente ainda a tempo de influir na linha de ação a ser finalmente adotada. Mas é preciso ser objetivo, pois o final almejado é a tomada de decisões, de modo que a discussão conduza à adoção de uma opção: a que seja mais aceitável pela sociedade.

Felizmente, o Brasil tem diversas alternativas de suprimento e pode fazer uma escolha cuidadosa entre elas, levando em conta, entre outros fatores, as implicações sociais e ambientais de cada uma. Mas essa escolha deve ser consciente e soberana e não condicionada ou pressionada por interesses alheios ao nosso País. Mais importantes que opiniões de pessoas ou entidades estranhas a nossa sociedade são, obviamente, as opiniões de nossos cidadãos, particularmente as dos habitantes da Amazônia, cujos interesses econômicos, sociais e culturais devem

ser tomados na devida conta. Mas, para haver um diálogo profícuo, é preciso haver confiança entre os interlocutores. Nesse sentido, é mister que se reconheça que houve uma substancial evolução da postura do setor elétrico brasileiro relativamente aos aspectos sócio-ambientais, progresso esse que não pode ser menosprezado ou ignorado pelas pessoas interessadas na matéria. Já existe, hoje em dia, nas empresas de eletricidade, a preocupação e a prioridade para, ao perseguirem a melhor forma de cumprirem sua finalidade, o fazerem com o menor custo para a sociedade, inclusive no que concerne aos aspectos sócio-ambientais.

O setor elétrico vem preparando-se para essas tarefas e para esse diálogo, como atestam a criação do Comitê Consultivo de Meio Ambiente (constituído de especialistas dessa área não ligados ao setor); a criação do Comitê Coordenador das Atividades do Meio Ambiente do Setor Elétrico, do qual participam todas as concessionárias; a realização de numerosos estudos temáticos contratados com fundações e consultoras especializadas; e a elaboração e permanente revisão de seus manuais de procedimentos de estudos sócio-ambientais e de seu Plano Diretor de Meio Ambiente. Obviamente, há também que se ter paciência e perseverança para colher os frutos dessas modificações culturais e institucionais que estão sendo agora conduzidas dentro do setor elétrico e que, ao longo do tempo, virão a mostrar o seu real valor para a Nação, com a sua maturação.

A própria discussão dos assuntos sócio-ambientais com a sociedade em geral será importante fonte de renovação de idéias e de aprendizado para o setor, bem como oportunidade de esclarecer ao público quais são as alternativas possíveis e as dificuldades que se tem ao tomar decisões para a expansão dos sistemas elétricos nacionais.

★ Antônio Carlos Tatit Holtz é engenheiro civil da EPUSP e secretário geral do Ministério das Minas e Energia.